

CLIMATOLOGIA E GEOGRAFIA EM DEZ QUESTÕES¹

PROFESSOR ESCREVA UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA, SOBRE SUA VIDA.

JOÃO LIMA SANT'ANNA NETO:

Nasci numa madrugada fria do inverno de 1957 em São Paulo. Passei minha infância nas ladeiras da Lapa e de Pinheiros, entre córregos ainda abertos ao ar livre e, ruas de terra. A adolescência, entre São Paulo, Marília e o litoral paulista.

Desde muito jovem sempre aproveitei cada oportunidade para viajar conhecer lugares e paisagens diferentes e encontrar pessoas.

Ingressei no curso de Geografia da Universidade de São Paulo em 1976, apesar de minha opção ter sido pelo curso de História. No ano seguinte fiz um estágio no Palomar College na Califórnia (EUA) e, em 1978 comecei a lecionar no ensino médio.

Em 1979, depois de assistir ao curso de Fisiologia da Paisagem, ministrado pelo Prof. Carlos Augusto, passei a frequentar o Laboratório de Climatologia do antigo Instituto de Geografia e fui bolsista do Prof. Monteiro até 1982.

Neste período trabalhei, com outros colegas, no projeto de pesquisa “Qualidade Ambiental na Área de Ribeirão Preto”, que foi fundamental para minha visão de Climatologia, de Geografia e de ciência.

Até 1988 dediquei-me ao ensino fundamental e médio, em escolas públicas e privadas de São Paulo. Fui concursado da rede estadual, tendo lecionado em várias escolas públicas (Caetano de Campos, Osvaldo Aranha e Romeu de Moraes), além de colégios particulares (Palmares, Friburgo e Pueri Domus). Neste período, iniciei o mestrado com o Prof. Carlos Augusto, porém, o interrompi e dediquei-me ao magistério secundário.

O compromisso com o ensino secundário foi, aos poucos, sendo minado pelas péssimas condições de trabalho e de salário (não muito diferente do que ocorre hoje em dia). Assim, em 1988 iniciei novamente o mestrado no programa de pós-graduação em Geografia, sendo orientado, desta vez, pelo Prof. Renato Herz, do Instituto Oceanográfico da USP.

No ano seguinte ingressei, por concurso público, no Departamento de Geografia da UNESP de Presidente Prudente, onde me encontro há 25 anos. Defendi o doutorado na USP, orientado pela Profa. Magda Lombardo, em 1995 e cumpri minhas obrigações com a universidade, avançando na carreira com a defesa de tese de Livre Docência sobre a História da Climatologia no Brasil, em 2002 e, em 2008, realizei o concurso de professor titular.

¹Entrevista concedida ao Prof. Dr. Charlei Aparecido da Silva, Diretor Presidente da ABCLima, gestão 2012-2014, docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. Originalmente publicada em (www.abclima.ggf.br/publicacoes.php) em agosto de 2014.

Neste período, dediquei-me a todas as dimensões do trabalho acadêmico. Na pesquisa, fui construindo uma matriz interpretativa do clima como fenômeno geográfico, primeiro, no Laboratório de Climatologia e, posteriormente, desde 2002, no Grupo de Pesquisa GAIA.

Por acreditar na participação e na construção coletiva do trabalho, assumi várias funções administrativas, desde a coordenação dos cursos de Geografia na graduação e na pós-graduação, a chefia dos departamentos de Geografia e de Educação, a direção da unidade da UNESP no Campus de Ourinhos, além de representação docente na congregação da Faculdade de Ciências e Tecnologia e do Conselho Universitário. Fora da Universidade, também me dediquei, por muitos anos, à ABClima, à Capes e, agora, à ANPEGE.

Mas, tem sido no ensino, principalmente de graduação, que encontro meu maior conforto. Tanto pela prática docente, como no relacionamento com os alunos, nas atividades de campo, de orientação e das aulas corriqueiras.

Desde 1976, quando ingressei no curso de Geografia e, de 1978, quando comecei a lecionar, tem sido uma longa jornada. Muitos foram os meus companheiros de estrada. Amigos, mestres e colegas, que me ajudaram nesta travessia.

Mas nada disto teria sido possível, sem a existência de uma universidade pública, sem uma autonomia acadêmica, que só este tipo de instituição consegue garantir, e com os salários quase sempre justos e em dia que sempre recebi e, que me faz estar sempre em dívida com a sociedade brasileira.

Em breve, quando completarei 60 anos de idade e 40 de magistério, tendo cumprido a missão que me coloquei a mim mesmo, pretendo encerrar minha carreira, e lançar-me a outros desafios. Até lá, pretendo deixar, talvez o que seja a contribuição possível, a obra “Geografia do Clima”, para os jovens geógrafos que também se apaixonaram pela climatologia, sem deixarem de ser geógrafos.

PERGUNTAS

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Professor João Lima. É com muita alegria, que a Associação Brasileira de Climatologia, tem o prazer de realizar esta entrevista com o senhor, que atualmente, também é o representante da área de Geografia, junto a CAPES. E por isso os nossos agradecimentos, pois sabemos o quanto a sua agenda é repleta de compromissos. Professor, gostaríamos de iniciar nossa conversa, com base em um artigo de sua autoria, intitulado: “*Da Climatologia Geográfica à Geografia do clima: gênese, paradigmas e aplicações do clima com fenômeno geográfico*”, publicado na Revista da Anpege, n. 4 de 2008. É notório, que o avanço da tecnologia trouxe grandes avanços para o desenvolvimento das pesquisas em climatologia, porém, como o senhor aponta no artigo, o número de Geógrafos que trabalham com a disciplina de Climatologia

das universidades diminuiu, assim como as defesas de teses e dissertações e publicações de artigos, muito embora existam algumas revistas científicas, que dediquem números especiais a temática da Climatologia, mas não é sistemático. *Em sua opinião quais são os obstáculos a serem vencidos por aqueles que se aventuram a pesquisar em Climatologia na Geografia?*

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: Creio que um dos maiores obstáculos ao crescimento do número de pesquisadores para a área de climatologia se refere ao fato de que em muitas universidades, por decisão departamental, ou de outra instância, não se exige a formação de geógrafo aos candidatos aprovados em concursos para ministrarem as disciplinas da área de climatologia. Como resultado, depois de uma análise que fizemos na Capes, mais de 1/3 dos cursos de graduação em Geografia, são os agrônomos, meteorologistas, ou outros profissionais, responsáveis pela disciplina de climatologia.

Não é o caso de defender a “reserva de mercado”, mas um profissional que seja especialista em climatologia, sem a formação de geógrafo, dificilmente será seduzido por uma interpretação humanística e social do fenômeno climático, como mais um dos componentes do espaço geográfico.

Com isto, em geral, a maior parte dos alunos que se interessam pela chamada “geografia física” acabam embarcando mais para as outras disciplinas físico-geográficas.

Este não é o único aspecto a ser considerado, mas creio que seja o mais importante. Além deste, infelizmente ainda há uma grande tendência de se desconsiderar o papel dos sujeitos sociais na produção do espaço e na gestão do território, propiciando uma análise climática descolada do objeto da Geografia.

Para citar um exemplo muito significativo, o Rio de Janeiro conta com 6 cursos de Geografia (dentre os mais importantes, antigos e conhecidos) e, apenas 1 solitário docente que é geógrafo e pesquisador da climatologia. Como se pode pensar em criar uma escola, ou um grupo de pesquisa na área, sem que haja massa crítica? Isto em plena era das “Mudanças Climáticas” e da necessidade de pesquisar e responder aos problemas ambientais, ecológicos, urbanos, sociais, etc... que a sociedade nos coloca.

A criação da ABClima e da Revista Brasileira de Climatologia teve papel fundamental para aglutinar os professores, alunos e demais estudiosos, em torno de uma temática central, em que o clima assume certo protagonismo.

Espero que com o passar dos anos, assim como se faz em relação à Geomorfologia, a área de Climatologia possa aglutinar um grupo maior de professores com formação de geógrafo, para assegurar a sua continuidade por meio das disciplinas da área, nos cursos de graduação e pós-graduação e, que o apelo geográfico seja suficientemente sedutor, para agregar pesquisadores em torno de uma Geografia do Clima.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Professor, ainda com base no texto citado, na questão anterior, o senhor identifica que a Climatologia brasileira desenvolve pesquisas dentro da concepção de uma *Geografia do Clima*?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: A análise geográfica do clima realizada no âmbito das universidades brasileiras são eminentemente monterianas (e nem poderia ser diferente). Ou seja, são desenvolvidas pesquisas que utilizam as contribuições teóricas e metodológicas de Monteiro. Tanto a Análise Rítmica em Climatologia, quanto a Teoria e Clima Urbano, além de Clima e Organização do Espaço, são textos fundamentais que motivaram e influenciaram grande parte dos trabalhos desenvolvidos na área.

Mas, observa-se nos últimos anos, que as pesquisas têm variado em termos de pressupostos e recortes. Entre estes recortes, sem dúvida que a Geografia do Clima é um deles. Quando viajo pelo Brasil, sempre encontro algum aluno que se sensibiliza e se identifica com esta forma de se compreender o fenômeno climático, como algo que tem necessariamente uma relação com o espaço humano e social e, não apenas com a estrutura física da paisagem.

Considero que a perspectiva teórica proposta pela Geografia do Clima é uma possibilidade de interpretação, de ir além da estrutura aparente da relação sociedade/natureza, para um rompimento com o dualismo ou dicotomia entre o natural e o social, para os que consideram que a Geografia é uma ciência humana e que o fenômeno climático não deve ser encarado apenas como um processo físico e espacial.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Em 2002, o artigo, “*La climatologia geográfica en Brasil: de producido a lo enseñado*”, que fora tema desenvolvido pelo senhor no IV Simpósio Brasileiro de Climatologia, na cidade do Rio de Janeiro. No artigo o senhor identifica os problemas do ensino da climatologia no Brasil, passados 12 anos, pode-se dizer que ocorreram avanços? Como melhorar a contribuição da climatologia no processo de formação do geógrafo brasileiro?

PROFESSOR JOÃO LIMA

Resposta: Infelizmente não tivemos na climatologia o mesmo dinamismo didático que a geomorfologia teve. Isto pode ser explicado historicamente, pela constituição das duas principais áreas de conhecimento da Geografia Física.

Por um lado, a falta de livros “textos básicos” para a compreensão dos processos físicos da atmosfera, aliada à dificuldade de acesso aos textos clássicos (Strhaler, De Martonne, Koppen, Hann e, mesmo os de Monteiro que não foram publicados comercialmente).

De outro lado, temos sido pouco ousados na produção de material didático voltado para o ensino de graduação (filmes, vídeos, animações, etc...). O que vem do exterior, além de muito caro e de difícil aquisição, precisaria ser traduzido.

Creio que uma das boas contribuições que a ABClima poderia encampar, seria oferecer algum tipo de ação neste sentido. A ideia atual de “disponibilizar” na página da associação os textos clássicos e outros textos difíceis de serem encontrados, para que a maior parte dos interessados possa ter acesso aos mesmos, é muito louvável. Outra possibilidade seria o incentivo a formação de “oficinas pedagógicas” tanto para os professores universitários, quanto os do ensino secundário.

Com todos os avanços na área da informação, da informática e do ensino à distância, precisamos buscar práticas mais ousadas para os conteúdos da climatologia geográfica.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Professor João Lima, como ex-presidente da ex-Sociedade Brasileira de Climatologia, agora Associação Brasileira de Climatologia, como avalia a importância da associação para a comunidade e para a Geografia brasileira? Na sua visão quais são os desafios futuros?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: A ideia de se constituir uma associação de climatologia remonta a 1996, em Presidente Prudente, por ocasião do II SBCG. Naquela ocasião, os colegas presentes no simpósio iniciaram a discussão sobre a viabilidade e o momento para se fundar uma associação. A ideia prosperou durante o III SBCG em Salvador, porém não havia consenso sobre o formato, nem sobre o nome.

Quando a Ana Brandão e outros colegas começaram a alinhar o que seria esta associação, já havia uma vontade geral de que era o momento certo. Assim, ao final do IV SBCG, realizado no Rio de Janeiro foi amplamente debatido o tema e aprovada a constituição da ABClima (na verdade começou como Sociedade).

Entretanto, naquele momento, uma parte dos colegas (eu inclusive), acreditava que na nomenclatura da associação deveriam comparecer os termos “Climatologia Geográfica”. Felizmente, mesmo sem o “geográfico” na nomenclatura, a ABClima acabou por se configurar como um fórum de debates e de congregação daqueles que se interessam pelos estudos de climatologia geográfica.

Considero de extrema importância a existência da associação. Mas, não se consolida uma instituição deste tipo em pouco tempo. Durante os primeiros anos, os esforços estiveram voltados para a sua concretização. Depois, a criação da RBC deu um novo fôlego e agregou mais pesquisadores. Mais recentemente, com a homepage no ar e o maior intercâmbio de informações, a ABClima dá um passo muito importante para a sua consolidação.

O que se espera (pelo menos eu espero) da ABClima é que ela passe definitivamente a gerenciar os simpósios nacionais, como forma de garantir que estes sejam verdadeiramente fóruns de debates e de troca de experiências entre os pesquisadores da área. Também é importante que a ABClima ocupe mais espaço nos grandes debates nacionais/regionais sobre os temas de nossa especialidade.

Talvez fosse importante ter “diretores regionais”, que pudessem “falar” em nome da ABClima, quando for necessário e conveniente, para que a associação conquiste visibilidade.

Começamos nossos eventos com menos de 100 participantes e, cerca de 30/40 associados. Nos dois últimos eventos triplicamos o número de inscritos e estamos com mais de 100 associados. Agora é consolidar o que já foi conquistado e profissionalizar a secretaria.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Professor, qual é o papel do clima na produção do espaço e sua articulação com o conhecimento geográfico? No atual contexto de um crescente registro de eventos climáticos catastróficos, chamados de eventos extremos, como devemos percebê-los na produção do espaço?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: A forma com que os espaços urbanos têm sido produzidos, resultado de um complexo processo de intervenção dos sujeitos sociais sob uma paisagem em constante mutação, acaba por potencializar eventos climáticos extremos (ou até mesmo, nem tão extremos assim) ou amenizar a geração de condições mais ou menos adequadas ao conforto ambiental, importante indicador da qualidade de vida urbana.

Se em países desenvolvidos grande parte destes problemas urbanos tem sido solucionada desde o final de segunda grande guerra, em países emergentes com grandes desigualdades sociais com o Brasil, ainda estamos longe de sermos capazes de resolvê-los.

Considerando as redefinições e as novas lógicas de produção dos espaços urbanos e regionais, as cidades brasileiras vêm conhecendo enorme expansão territorial, porém resultantes tanto de alta segregação quanto de diversificação socioespacial.

Os objetos urbanos, bem como seus fixos, geram do ponto de vista climático alterações profundas (dependendo das morfologias urbanas, de seus sítios e de suas localizações) na baixa atmosfera modificando o albedo, que resulta do armazenamento ou dissipação de calor, os caminhos das águas, com a rugosidade e a drenagem urbana e, a poluição do ar. Desta forma, a atmosfera urbana não pode ser mais definida como algo totalmente natural, mas, sim, como algo construído, já que reflete em grande parte, a produção do espaço urbano.

Como bem coloca esta questão, Swyngedouw (2001) afirma que não há nada puramente social ou natural na cidade. Ambos se interrelacionam de forma híbrida, e em sua totalidade representa sua gênese socionatural. Ele sugere a referência dos processos sociais e naturais de forma conjuntiva, já que se combinam num processo de produção de “socionatureza” com dimensão histórico-geográfica de perpétuo metabolismo.

Estudos recentes demonstram que, cada vez mais, os eventos extremos têm ocorrido em situações climáticas menos excepcionais. Ou seja, mesmo com episódios de chuvas menos intensas, ou ondas de calor menos fortes, por exemplo, há mais gente sendo afetada e os impactos com maior repercussão. Isto nos remete ao fato de que espaços desigualmente produzidos, não apresentam as mesmas resiliências. Assim, não é possível identificar o im-

pacto dos eventos extremos sem conhecer a natureza dos espaços produzidos: diferenciados, segregados e vulneráveis.

Esta é a essência da perspectiva da Geografia do Clima. A aceitação de que as diferenciações socioespaciais geradas pelas desigualdades sociais são centrais na compreensão do fenômeno climático na ciência geográfica. Não é, como se sabe, a única forma, nem a única perspectiva de análise, mas, a meu ver, é aquela que maior contribuição pode dar ao pensamento crítico, humanístico e comprometido com a busca de um mundo menos desigual.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Depois de três anos a frente da Coordenação da Área de Geografia na Capes como vê a pós-graduação em Geografia? Como estamos frente ao quadro latino-americano?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: Em realidade, desde 2005 tenho participado das avaliações da Capes. Primeiro como avaliador e membro da Comissão de área, na gestão da Dirce Suertegaray. Depois, como coordenador adjunto do José Borzachiello e, na atualidade, como coordenador em final e mandato.

Este longo período foi uma extraordinária oportunidade, que tive a honra e a felicidade de ter podido experimentar. Viagem de norte a sul do país, conhecendo os mais de 50 programas de pós-graduação. É notável, como em todos eles, há pelo menos um grupo de docentes atuantes, dedicados e realizando pesquisa de qualidade.

À exceção dos EUA e, agora da China, não há outro país no mundo, com uma geografia tão vibrante, atuante e diversificada. São cerca de mil docentes envolvidos, formando quase 800 mestres e doutores por ano.

Em toda a América Latina, existe menos de 10 programas de doutorado, basicamente na Argentina, México e Cuba. No Chile, o primeiro curso de pós-graduação em Geografia começou em 2013 e ainda não formou ninguém.

O Brasil é um dos maiores centros produtores de conhecimento geográfico.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

A área de Climatologia se faz presente na pós-graduação brasileira na atualidade? O que devemos esperar para um futuro próximo?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: Quando verificamos os temas abordados pelos programas de pós-graduação, verifica-se que ainda é muito restrito o número de docentes pesquisadores na área de climatologia. Dos 56 programas (incluindo os recém-aprovados), apenas em 20 deles, há docentes que se dedicam à climatologia e formam recursos humanos.

Isto novamente nos remete ao problema dos docentes responsáveis pelas disciplinas na graduação não terem a formação de geógrafos. Acaba comprometendo o desempenho da área na pós-graduação.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Passados mais três décadas das proposições de Monteiro, da proposição de um método de pesquisa, a Climatologia brasileira vive um momento especial, a técnica e os instrumentais técnicos se fazem cada vez mais presentes nas pesquisas. Como devemos encarar essas novas possibilidades de pesquisa e quais são os desafios em compatibilizar métodos e técnicas de pesquisa em Climatologia?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: Creio que demoramos muito tempo para iniciarmos os trabalhos de campo com instrumentos e aparelhos adequados. Desde a década de 1940, no IBGE e, depois na USP, a partir dos anos de 1960, as pesquisas em climatologia direcionavam-se mais aos estudos regionais, em que, com dados das diversas redes meteorológicas e, com a análise estatística convencional, se produzia a maior parte das pesquisas.

Somente por volta 1980 e, mais significativamente, após 1990 é que alguns investigadores começaram a se aparelhar com instrumentos de medição de campo, principalmente na climatologia urbana.

Nesta primeira década do século XXI, já é bastante notória a utilização de instrumentos e aparelhos dos mais variados para diversos usos, tanto na cidade, como no campo. Tanto para as medições termo-higrométricas, quanto da qualidade do ar.

Creio que neste momento é importante repetirmos métodos, técnicas e utilizarmos aparelhos mais ou menos semelhantes para podermos ter um conjunto de estudos que garanta a comparação e, acima de tudo, que permita a modelagem e a proposição de novos paradigmas.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Professor, gostaríamos que o senhor avaliasse a atuação do ser humano na modificação do clima, considerando as articulações de escalas, uma vez que ao nos debruçarmos sobre o tema mudanças climáticas com tanta propriedade no momento. Como fica a atuação do ser humano nesse complexo chamado sistema clima-terra ?

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: No estágio atual de conhecimento sobre as interações entre atmosfera, oceano e superfície, ainda mantenho minha avaliação de que o homem transforma radicalmente a paisagem em escalas locais, interfere de forma maior ou menor, dependendo do nível de intervenção, nas escalas regionais, porém, nas escalas globais ainda temos enormes dificuldades para afirmar com segurança qual é a magnitude da modificação que a sociedade tem sido capaz de produzir.

Porém, depois de mais de 20 anos de discussão sobre as mudanças climáticas globais, que, inclusive, foi o tema do II SBCG, em Presidente Prudente, em 1996, creio que esta não é a discussão fundamental. A questão mais relevante, e através da qual, a climatologia geográfica pode dar uma enorme contribuição, é demonstrar o impacto e a repercussão das variações do clima (ou de algum de seus elementos) no cotidiano da sociedade.

Demonstrar como o processo de produção do espaço (transformações das paisagens) interfere na dinâmica climática e, esta, modificada pelas mudanças em superfície e pelas atividades socioeconômicas, geram novas “atmosferas”, que se relacionam de forma particularizada sobre os diversos territórios.

Ou seja, creio que continuar discutindo se há ou não mudança climática, da forma como temos feito, além de estéril, desvia da questão central, que é como a sociedade e a natureza se imbricam se moldam, se transformam, produzindo ambientes híbridos e gerando novas dinâmicas, que os geógrafos, mais que qualquer outro, tem a possibilidade de “enxergar”, de identificar e de entender.

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CLIMATOLOGIA:

Para finalizar, indique duas obras essenciais na formação de um aluno que se dedica a Climatologia nesse momento. Comente um pouco os motivos da indicação.

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Resposta: É muito difícil escolher apenas duas. Abordarei quatro obras, duas brasileiras e duas estrangeiras.

Das brasileiras, a mais importante, em minha opinião é “Clima e Excepcionalismo”, de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Trata-se de sua obra máxima, escrita como um produto de encerramento de uma longa carreira na área da climatologia geográfica. Nesta obra há um intenso esforço teórico em discutir o clima na perspectiva da história das ciências, apresentando os princípios gerais sobre o significado de eventos extremos, excepcionalidades, etc...

Discute as ambiguidades e incertezas sobre o conceito de “clima” para, posteriormente, abordar a construção deste conceito, desde a contribuição de Max Sorre, até a proposição do ritmo como paradigma. Por fim, discute longamente e de forma provocativa, o papel da climatologia na análise geográfica.

Não é um texto simples ou fácil, mas lê-lo é fundamental para se compreender o “DNA” da climatologia geográfica proposta por Monteiro (e relê-lo de tempos em tempos é essencial, para redescobrir novas janelas analíticas).

A segunda obra, também de Monteiro é “Teoria e Clima Urbano”, resultado de sua tese de Livre-Docência defendida na USP em 1975 e publicada no ano seguinte. É uma obra espetacular em que propõe uma perspectiva analítica que transcende a abordagem climática, abrangendo uma leitura da cidade como sistema.

Tem sido a base dos estudos de clima urbano para os geógrafos, além de ter seguidores no planejamento, na arquitetura e urbanismo.

Do exterior, creio que o texto clássico de Emmanuel De Martonne, “Os problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico” escrito nos anos 1930 e publicado na antiga Revista Brasileira de Geografia (IBGE) em 1943/1944, é fundamental. Primeiro, por que traça os aspectos gerais de uma climatologia em ambiente tropical. Mas, além disto, apresenta uma análise dos efeitos dos elementos do clima na formação e transformação das paisagens.

O segundo, mais paradigmático é o de Leslie Curry, geógrafo norte-americano, discípulo de Richard Hartshorne, que publicou “Climate and Economic Life”. Primeiro texto que chega ao Brasil, inaugurando uma perspectiva de análise em que o clima é tratado como insumo no processo de produção e, não apenas com o fenômeno físico-natural.

Este é um texto que mereceria uma boa tradução e publicação pela ABClima.

Escolhi estes quatro, porém há pelo menos outros 5 ou 6 que são indispensáveis para quem se dedica ao estudo do clima.

PROFESSOR JOÃO LIMA:

Palavras finais: Ao terminar esta entrevista, gostaria de agradecer ao colega e amigo Charlei pela oportunidade desta conversa e, aos meus alunos (e ex alunos), que tem me propiciado esta possibilidade de discutir, criticar, ouvir e aprender ao longo destes 35 anos de magistério. É por meio deste diálogo permanente que temos a possibilidade de evoluir e refletir, que sempre nasce desta relação próxima com os mais jovens, que generosamente nos oferecem os meios de um diálogo criativo e criador.

JOÃO LIMA SANT´ANNA NETO

Junho de 2014